

**Deus, Mulheres e a Igreja**  
**Myra Poole**  
**Lisboa, 24 de Março de 2010**

*A minha história em direcção ao feminismo*

“Deus, Mulheres e a Igreja” é um título pesado. Depois de muito ponderar decidi que o modo mais fácil de tratar este vasto tema é através da minha história pessoal. Contar as nossas histórias tem sido sempre uma coisa importante em todos os movimentos femininos. Todas as nossas histórias reflectem, num microcosmos, aquilo com que as mulheres têm tido de conviver, em todo o mundo, e às vezes em circunstâncias terríveis. A minha história é a de uma mulher inglesa ocidental branca, nascida de uma mãe judia e de um pai não judeu em Março de 1933. Era a mais nova de três filhas e tinha seis anos quando a Segunda Guerra Mundial começou. Vivíamos em Londres durante a altura dos bombardeamentos e tivemos experiência directa de alguns dos efeitos mortíferos da guerra. A minha história reflecte a minha viagem pessoal do Anglicanismo para o Catolicismo, a vida religiosa, a ordenação de mulheres católicas e o feminismo cristão. Continuo a tentar dar sentido a todo este trajecto e a viver com algum grau de integridade. Espero que esta história tenha alguma relação com as vossas vidas — e também incluo aqui os homens, uma vez que também eles têm as suas próprias histórias particulares de mudanças e de dor.

A minha família, como muitas outras famílias anglicanas, era-o apenas em nome, frequentando a Igreja apenas em baptismos, casamentos e funerais. Penso que em Portugal muitos católicos viverão a fé da mesma maneira. No entanto, durante a guerra, as únicas escolas que se mantiveram abertas eram as católicas. A minha mãe, que dava valor à educação das filhas, mandou-nos para a única escola que se manteve aberta no nosso bairro, a *Holy Family Convent School*, em Tooting Broadway. O meu pai morreu durante a guerra e a minha mãe tomou a seu cargo os negócios da família: uma bomba de gasolina, uma estação dos correios e uma loja. Aos dezasseis fui transferida para uma escola sem propinas, Notre Dame, em Southwark, e daí segui para a universidade para estudar História. Foi quando estava na universidade que me decidi tornar-me católica. Não foi uma conversão traumática, foi uma progressão natural no meu caminho em direcção ao Catolicismo, ao contrário da minha vocação para a vida religiosa — essa surgiu quase a partir do nada, aos vinte e cinco anos. Estava prestes a pensar em casar-me quando uma noite, ao lavar as mãos, fui envolvida pelo pensamento de me tornar uma irmã de Notre Dame. Apesar de ter frequentado muitos anos a escola das irmãs, havia anos que não pensava nelas; de repente apercebi-me claramente que esse seria o meu futuro.

Quando me tornei católica tive dois problemas: o facto da missa ser em latim e o papel das mulheres na igreja. Como irmã de Notre Dame fui duas vezes directora de escola, da última vez em Southwark, na escola onde eu tinha andado há anos e que agora era uma “Comprehensive School” no coração de Londres. Tais são os caminhos de Deus!! Nesta escola, houve uma ocasião em que as autoridades educativas locais propuseram a implementação de três temas: racismo, classismo e sexismo. Estas iniciativas reavivaram o meu feminismo latente e a escola acabou por implementar actividades sobre todos estes temas, mas mais especialmente sobre sexismo. Aprendi mais sobre o Evangelho nestas actividades do que alguma vez tinha aprendido na Igreja, quando se falava de pecado

estrutural. Eu era Directora nos anos setenta e oitenta e as raparigas costumavam perguntar-me, “Ó irmã, porque é que somos todas feministas aqui?”.

Ao longo do tempo a escola, como todas as outras, teve de ser reorganizada. Depois de onze anos como Directora e passadas duas reorganizações eu sentia vontade de andar para a frente e concentrar-me no movimento emergente de mulheres. Nesta altura eu partilhava estes assuntos com um grupo de mulheres bem informadas, maioritariamente católicas, em reuniões que tinham lugar na escola. Começámos um grupo que então se chamou “Catholic Women's Network” e que agora se chama “Mulheres, Palavra e Espírito”, por forma a respeitar a sua crescente natureza ecuménica. Nessa altura Rosemary Radford Ruether visitou o King's College em Londres e falou para uma audiência de mais de duas mil mulheres. Estavam disponíveis vários livros sobre espiritualidade e teologia feministas, e eu estava a passar ao lado. Eu queria estudar espiritualidade e teologia feministas, e foi assim que começou a minha viagem de cerca de vinte anos neste movimento. Uma viagem que já incluiu uma sabática nos Estados Unidos, uma passagem pelo Women's Theological Centre de Boston (que ainda existe) e a participação em vários retiros para discernir o meu futuro. Ao voltar para o Reino Unido senti necessidade de estudar e fui para Heythrop, um colégio Jesuíta em Londres, mas não encontrei o que procurava. Encontrei a minha resposta no Titus Brandsma Institute, em Nijmegen, na Holanda. Foi aí que estudei a sua metodologia de “dinâmica estrutural” para ler textos místicos. Usei esta metodologia para me ajudar a escrever uma interpretação feminista do carisma, isto é, do dom espiritual da fundadora da minha congregação, Julie Billiart. O livro levou dez anos a terminar pois foi nessa altura que me envolvi profundamente, juntamente com outras pessoas, na fundação da “Catholic Women's Ordination” (CWO), além de estar também envolvida com outras organizações feministas do início dos anos '90.

Nessa altura passava muito tempo a ler e a discutir espiritualidade e teologia feministas. Passei muito tempo com a imprensa e em trabalho de equipa para lançar publicamente esta organização. A organização foi fundada a 24 de Março de 1993, foi um acontecimento ecuménico que sucedeu logo após a aprovação da ordenação de mulheres na Igreja Anglicana, que se deu a 11 de Novembro de 1992. Muitos de nós estivemos presentes nessa ocasião, junto a Deans Yard em Westminster, quando a votação foi anunciada. A caminho de casa, eu e uma amiga mais nova, Nikki Arthy, metemos uma nota pela porta do então Cardeal Hume dizendo “A seguir, as mulheres católicas!”. Nikki acabou por deixar a Igreja Católica e tornou-se uma mulher ordenada anglicana. Foram dias inebriantes! Lançámos então a CWO na Praça da Catedral de Westminster nesta ocasião, com faixas alusivas, e fizemos a nossa primeira vigília de oração. Nessa ocasião tínhamos cerca de cem pessoas, mulheres e homens, além de muita gente da imprensa. Desde então, o número de pessoas presentes nestas vigílias tem diminuído significativamente, mas a CWO tem continuado a ser uma presença pública, em certas ocasiões, nesta praça, durante estes quase vinte anos. Desde o primeiro momento, a imprensa tem sido um elemento essencial para informar e esclarecer as pessoas sobre a necessidade de mudança.

Nestes tempos surgiram também mais algumas organizações: A “Summer School of Feminist Theology”, a “Women's Synod Movement” e a “Women's Ordination Worldwide” (WOW). Esta última surgiu no primeiro Sínodo das Mulheres, que teve lugar na Áustria em 1996. Todos estes movimentos estão bem vivos hoje em dia. Algumas destas organizações

fazem agora parte da Rede Europeia Igreja em Liberdade<sup>1</sup>. Entretanto, os meus estudos em Nijmegen deram fruto e eu publiquei o meu primeiro livro, *Prayer, Protest and Power: the spirituality of Julie Billiart today (2001)*<sup>2</sup>. Saiu no ano da primeira Conferência Internacional da WOW em Dublin, uma conferência que viria a ter grande impacto na minha vida, que sacudiu os seus alicerces!

### A Conferência de Dublin da WOW em 2001

O ano de 2001 foi um verdadeiro ponto de viragem na minha vida. Eu tinha a responsabilidade de ser a Coordenadora da WOW e como tal sentia-me muito identificada com esta conferência. Aruna Gnanadason, que fazia parte da secção das mulheres no Conselho Mundial de Igrejas (CMI), a irmã Joan Chittister, OSB, e John Wijngaards, fundador do website *Housetop*, aceitaram ser oradores nesta conferência. Chegaram também ao Vaticano notícias desta conferência, através de algumas nossas opositoras no Reino Unido, que parecem ter uma linha directa de telefone para lá... Escolhemos como local o Trinity College em Dublin, pois não devia qualquer obediência à Igreja Católica. O Vaticano, muito habilmente, concentrou o seu ataque em três pessoas: Aruna, Joan e eu própria. Aruna, por estar à frente de um departamento importante do CMI; Joan e eu por sermos religiosas que poderiam ser influenciadas através das nossas respectivas congregações. Todas três recebemos cartas de Roma, exprimindo preocupação pela nossa participação nesta conferência.

A primeira pessoa a retirar-se foi Aruna, por se ter dado conta que poderia pôr em perigo o trabalho da CMI, ainda que a Igreja Católica não seja membro de pleno direito, estando presente apenas em algumas subcomissões. Após dar-se conta que não podia vir, Aruna enviou um artigo intitulado *We will pour our ointment on the feet of the church: the Ecumenical Movement and the Ordination of Women*<sup>3</sup>, que foi distribuído aos participantes. As exigências do Vaticano não ficaram por aqui: antes da intrusão de Roma, o CMI tinha doado 1000 libras à WOW como donativo; não satisfeito com a retirada de Aruna, o Vaticano pressionou o CMI a pedir a devolução deste donativo. No entanto, o Presidente de então informou o Vaticano que o CMI tinha toda a autonomia para empregar o seu dinheiro e recusou o pedido.

A próxima pessoa a receber uma “cartinha” de Roma, como Joan lhe chamou, foi a própria Joan. A minha primeira carta chegou um pouco atrasada porque a nossa Superiora estava fora do país. Joan e eu recebemos três cartas cada uma, com um tom cada vez mais urgente. A minha terceira carta incluía o nome de alguém chamado Rev *Jesus Torres*!! À medida que o Vaticano ia ficando mais desesperado, as citações em latim de Direito Canónico iam aumentando. No final, ameaçaram as nossas Superiores no sentido de nos obrigarem a “obediência formal” se insistíssemos em participar na conferência. Se esta ameaça se tivesse concretizado e tivéssemos desobedecido, teríamos sido forçadas a

---

1 O Movimento Nós Somos Igreja – Portugal é também membro desta Rede (N. da T.)

2 *Oração, Protesto e Poder: a espiritualidade de Julie Billiart hoje (2001)*

3 *Derramaremos o nosso unguento aos pés da Igreja: o Movimento Ecuménico e a Ordenação de Mulheres*

deixar as nossas congregações. A Priora de Joan, a irmã Christine Vladimiroff, chegou a ir a Roma para apresentar o artigo de Joan, *A Priestly People for a Priestless Age*<sup>4</sup>. A viagem foi uma completa perda de tempo e dinheiro, pois “diálogo” é uma palavra que não existe no dicionário do Vaticano.

Depois de muita dor e reflexão introspectiva por parte de todas nós, Joan conseguiu o apoio da sua comunidade para participar na conferência, independentemente das consequências. Era mais fácil para ela reunir toda a sua comunidade, pois sendo uma comunidade contemplativa, viviam todas em conjunto. Já a minha congregação é internacional e não tinha nenhum mecanismo para lidar com uma situação como esta. Não havia maneira de consultar todas as irmãs e portanto eu não sabia se tinha um verdadeiro apoio da minha Congregação. Acabei por ir à conferência, ainda que com um dia de atraso, pois foi-me dito que se fosse não me poderia aproximar da imprensa. Eu sabia que tinha de ir pois havia algumas religiosas de países em desenvolvimento que iriam participar no painel internacional. Eu tinha de lhes dizer pessoalmente para terem cuidado, a sua posição era muito mais perigosa do que a minha. Os países em desenvolvimento precisam verdadeiramente da Igreja para o seu bem-estar económico, ao contrário do que acontece connosco no Ocidente. Tenho de dizer que, no meu voo para Dublin, estava paralisada de medo, pensei que isto seria o meu fim. Eu não queria de modo nenhum deixar a minha congregação. Estes foram, até agora, os dias mais dolorosos da minha vida.

Joan e eu fomos acolhidas como heroínas na conferência, mas eu sentia-me como um trapo velho. O fim foi uma coisa completamente prosaica. O céu não nos caiu sobre a cabeça, como eu temia. Em vez disso, o Vaticano emitiu um comunicado de imprensa anémico, através do seu então porta-voz Navarro-Valls, a 6 de Julho de 2001, com as seguintes palavras: “Ainda que a Congregação para os Institutos de Vida Religiosa e Consagrada considerasse inoportuna a participação das irmãs... a Congregação nunca pensou em tomar medidas disciplinares”!!! Por outras palavras, o Vaticano teve de descer do seu cavalo porque a indignação contra a maneira como eles nos tinham tratado, a Joan e a mim, tinha sido enorme. Ambas recebemos apoio de todo o mundo e muitas congregações religiosas pararam os seus Capítulos para nos ajudar. Apesar do *bullying* do Vaticano, eles não tinham justificação possível — o rei ia de facto nu, como se costuma dizer. Esta é a lição a tirar deste incidente: quando todos trabalhamos solidariamente, o Vaticano é impotente. Não têm maneira de nos forçar a fazer o que eles dizem. Nos velhos tempos teríamos sido queimadas. (Veja-se *Making All Things New: Women's Ordination as a Catalyst for Change in the Roman Catholic Church*,<sup>5</sup> Dorothea McEwan e Myra Poole snc, 2003, Canterbury Press.)

#### *A situação da ordenação de mulheres e da WOW depois deste trauma — 2001-2010*

Muitas coisas aconteceram entretanto, houve coisas que mudaram, certas pessoas partiram e certas organizações encontraram dificuldades em continuar. Há, mesmo assim, vários grupos activos da WOW e tem havido um crescimento do movimento *Roman Catholic Women Priests*, fundado na Áustria. Este movimento espalhou-se a alguns países da

---

4 *Um Povo Sacerdotal para uma Era sem Sacerdotes*

5 *Tornando Novas Todas as Coisas: a Ordenação de Mulheres como Catalizador para a Mudança na Igreja Católica*

Europa, mas teve um desenvolvimento maior nos Estados Unidos e no Canadá. Houve um membro ordenado este ano na Escócia, mas nada em Inglaterra. O progresso faz-se a ritmos diferentes em diferentes países e continentes. Há diversas visões do sacerdócio, mesmo dentro da CWO, mas muitas pessoas querem ver o papel sacerdotal radicalmente mudado antes que as mulheres possam vir a ser ordenadas. Entretanto, muitos de nós encontramos vários lugares para viver a nossa espiritualidade, seja em grupos de mulheres ou em grupos mistos. Alguns deixaram mesmo de ir à missa enquanto outros ainda mantêm alguma ligação com a Igreja. Nos primeiros tempos, alguns membros transferiram-se para a Igreja Anglicana e são agora mulheres ordenadas nessa denominação.

Neste momento, a CWO está a preparar-se para a visita papal ao Reino Unido em Setembro. A visita do Papa é primeiramente por causa da beatificação do Cardeal Newman, mas pode tornar-se uma visita de estado, o que poderá ser um desastre. Os secularistas e a comunidade gay já organizaram uma enorme petição contra esta visita e iniciaram protestos. A sua oposição deve-se ao custo da visita para os contribuintes britânicos e também ao facto das posições do Papa sobre várias questões serem inaceitáveis. Há um desagrado particular em relação à recente oposição do Papa à proposta de lei de “igualdade” que o nosso governo está a elaborar. Esta lei deveria incluir não só todas as denominações religiosas mas também o pessoal administrativo secular, ainda que deixasse de fora as nomeações de sacerdotes. Se esta lei fosse implementada, tal como foi pensada, a Igreja Católica não poderia discriminar as mulheres e os homossexuais em nenhuma situação profissional. Infelizmente, isto não inclui o sacerdócio nem outros postos clericais.

A Igreja Católica está claramente preocupada com esta oposição crescente à visita papal. Uma das maneiras que a Igreja oficial encontrou para lidar com este problema foi treinar vinte e cinco jovens católicos (com menos de quarenta anos) para falar com os média (rádio e TV) em apoio do Papa. Serão chamados as “Vozes Católicas”. Também a CWO tem já experiência considerável com os média, mas decidiu treinar também novos membros para falarem com rádios e televisões. Vamos chamar-lhes as “Outras Vozes Católicas”, como resposta crítica às “Vozes Católicas”, pois temos visões diferentes delas em relação a certos ensinamentos papais. Serão tempos muito interessantes.

### Qual é a minha posição actual?

A minha posição é difícil. Tento manter um pé dentro da Igreja Católica indo à missa, mas acho a liturgia dirigida por homens e a ausência de linguagem inclusiva cada vez mais difíceis de suportar. Do mesmo modo, também não me parece que a presente forma de vida religiosa, como é entendida em geral, seja muito compatível com a minha condição de cristã feminista. Muitas irmãs querem ver as coisas mudadas na Igreja Católica, mas não avançam com medo de “fazer ondas”. Na minha congregação, há quem esteja feliz por me ver continuar os meus esforços, mas têm dificuldade em passar do apoio teórico ao apoio verdadeiro. De qualquer forma, o poder da Igreja reside nos seus profetas e místicos, as duas raízes de onde nasceu a vida religiosa, apesar de, na formulação do Direito Canónico de 1917, ela ter sido demasiadamente incorporada na ala institucional da Igreja.

Ao reflectir sobre a minha vida, encontro uma acção clara do Espírito Santo em alguns momentos cruciais. Eu sei que de alguma maneira Deus está no meio desta confusão, algures, ainda que Deus possa parecer estar muito longe. Parece-me que temos de viver com os nossos corações mergulhados na grande visão cósmica, mas com os nossos pés

firmemente assentes no chão onde nos encontramos. Pode parecer que não alcançámos muito, mas eu sei que semeámos sementes que hão-de perdurar. O génio da mudança, em vários aspectos da vida, saiu definitivamente da lâmpada. Os marginalizados encontraram a sua voz. O conceito de uma igreja que tudo controla está acabado neste mundo pós-moderno. O presente papado está a jogar um jogo retrógrado, até faz pena ao ver a resistência que persiste contra as suas visões antiquadas e mal formadas. Estamos à beira de uma nova reforma das igrejas, e quem sabe onde ela poderá chegar no novo milénio. O Cristianismo é ainda uma religião muito jovem — tem apenas dois mil anos.

Para mim, os líderes cristãos de hoje são pessoas como vós. É o papel dos leigos serem as pessoas da fronteira. Foi com os meus companheiros leigos que eu consegui sonhar e encontrar novas visões e uma nova coragem. Os leigos reformados e em permanente reforma são para mim actualmente o “sal da terra”, são os leais re-fundadores de uma maneira não hierárquica de ser Igreja e de uma reinterpretação da tradição cristã. Como a poetisa americana Adrienne Rich diz no seu poema *Natural Resources*,

*My heart is moved by all I cannot save:  
so much has been destroyed  
I have to cast my lot with those  
who age after age, perversely,  
with no extraordinary power,  
reconstitute the world.*<sup>6</sup>

No seu livro *Journeys by Heart: A Christology of Erotic Power (1988)*<sup>7</sup>, Rita Brock fala de uma igreja que a “acalentou e feriu”. Eu acho que qualquer discurso sobre mulheres e igreja tem de ter isto em conta. Continua a intrigar-me o facto de tantas mulheres permanecerem tão emocionalmente apegadas às suas igrejas após séculos de abusos físicos e agora mais predominantemente psicológicos. Eu acredito que a luta das mulheres para se afirmarem perante Deus, já neste mundo e não apenas no próximo, como seres humanos espirituais completos está a chegar a um ponto crítico. Estamos a emergir de séculos de combate, a idade das trevas das mulheres em todas as igrejas, para a nossa própria luz e força espirituais. A visão colectiva e clara que as mulheres adquiriram de quem elas são na verdade é um choque tremendo para todas as igrejas institucionais.

Muitas vezes as pessoas dizem que isto é uma questão de classe — de classe média instruída. Pode parecer mais fácil para pessoas como nós, que temos instrução e trabalho feito, mas a minha experiência com mulheres de nações em desenvolvimento é que elas lidam com estes assuntos de outra maneira. Elas sabem como quebrar mitos e barreiras culturais. Por exemplo, há anos uma mulher queniana contou uma história de como uma mãe pobre deu à luz dois gémeos, um rapaz e uma rapariga. Ela disse que nestas circunstâncias era normal no país dela dar mais hipóteses de sobreviver ao rapaz,

---

<sup>6</sup> O meu coração sente-se tocado por tudo o que não posso salvar:

Tanta coisa foi destruída  
Tenho de tentar a minha sorte com aqueles  
que era após era, perversamente,  
sem nenhum poder extraordinário  
reconstituem o mundo

<sup>7</sup> *Viagens de Coração: uma Cristologia do Poder Erótico*

colocando a rapariga do lado de fora da tenda, ao sol, para morrer. No entanto, nesta ocasião particular, a mãe disse que ambos haveriam de ter as mesmas hipóteses de viver e proibiu que a rapariga fosse posta do lado de fora. A oradora terminou dizendo que “essa rapariga era eu”!! Quantas vezes não deveríamos ter feito isto nas nossas paróquias, não deixando que os rapazes possam ser acólitos sem que as raparigas o possam também ser. Eu acredito que o desafio hoje, para os padres que deixaram o sacerdócio para casarem e trabalham em prol de um sacerdócio de homens casados, é não aceitarem a reintegração até que as mulheres possam ser também ordenadas. É muito importante que homens e mulheres trabalhem juntos para que se possam quebrar as cruéis e destrutivas barreiras do sexismo estéril.